
LA CRUZ: ENTRE A ESTÂNCIA E A REDUÇÃO**LA CRUZ: BETWEEN THE REDUCTIONS AND RANCHES**

Helenize Soares Serres
Doutoranda em História – Unisinos
helenizeserres@gmail.com

RESUMO: O artigo trata das relações existentes entre as estâncias missioneiras e as reduções jesuíticas. As relações sociais, econômicas e políticas foram determinantes para aproximar e distanciar as reduções, estâncias e outros grupos não reduzidos. Muitas vezes a disparidade daquelas relações levou aqueles povos a dissensos e conflitos. Portanto, é importante entender como se davam os relacionamentos internos e externos aos seus espaços. Pretende-se compreender como se davam estas relações entre a estância de La Cruz, no lado oriental do rio Uruguai – localizada na fronteira oeste do atual Estado do Rio Grande do Sul, Brasil; e a redução de La Cruz, do lado ocidental do mesmo rio – localizada na fronteira leste da atual Província de Corrientes, Argentina, no período de 1629 a 1750. As relações entre o povo da Cruz com grupos indígenas como os povos dos charruas e dos minuanos no espaço alegadamente pertencente à Coroa Espanhola.

PALAVRAS CHAVE: La Cruz. Estância. Território.

ABSTRACT: This paper studies the relations between the jesuitic missions and their ranches. The social, economic and political relations were crucial to both bring the reductions, ranches and other groups closer and to move them apart. In many occasions, the disparity between those relations led those populations to conflicts and dissension. Therefore, it is important to understand how such internal and external relationships developed in those spaces. We intend to comprehend how the relation between the La Cruz ranch - located on the eastern side of the Uruguai river, on the western border of the current state of Rio Grande do Sul, Brazil - and the La Cruz mission - located on the western side of that river, on the eastern border of the current province of Corrientes, Argentina - worked from 1629 to 1750. The relations between the people of La Cruz with indigenous groups, like the charruas and the minuanos, on a space that allegedly belonged to the Spanish Crown.

KEYWORDS: La Cruz. Estancia. Territory.

Após a conquista da América pelos espanhóis, o espaço hispânico das Filipinas e das Índias ocidentais foi dividido pela Companhia de Jesus em sete províncias: Alto Peru, Novo Reino de Granada, Filipinas, Quito, Nova Espanha, Chile e Paraguai. A estância de La Cruz pertencia a redução de La Cruz, objetos desse trabalho, que compunham a Província Jesuítica do Paraguai, compreendida por: “Asunción, Buenos Aires, Córdoba, Santa Fé, Tucumán, Corrientes, Santiago del Estero, Salta, Rioja, Cajamarca, Tarija, Misiones Lulos, Misiones

Mocobíes, Misiones Pampas, Misiones Chiriguanos, Misiones Chiquitos, Misiones Guaraníes de los ríos Paraná y Paraguay”. (PALACIOS; ZOFFOLI, 1991, p. 57).

Tais divisões realizadas pela Companhia de Jesus não correspondiam às organizações das jurisdições e limites territoriais estabelecidos pela coroa Espanhola na América quando da determinação de suas fronteiras, nem com os vice-reinados ou outros espaços criados pela própria igreja católica, como os bispados. Isto demonstra que desde o início da criação da Província Jesuítica do Paraguai os jesuítas tinham um planejamento interno para exercerem suas atividades, marcando seus territórios e promovendo de maneira bastante autônoma seus propósitos para com a América e suas populações. Isso ocorreu porque a coroa espanhola juntamente com os jesuítas tinha reservado uma extensa área destinada às missões, no intuito de que pudessem transformar os indígenas em cristãos que, no futuro, fossem fiéis ao rei, possuíssem terras, pagassem impostos, proporcionando o desenvolvimento do sistema colonial.

La Provincia jesuítica del Paraguay, conocida también por el nombre de “Paracuaria”, fue creada en el año 1604 y comprendía lo que actualmente es Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay y partes de Bolivia y Brasil. En 1625 fue desmembrada el área correspondiente a Chile y a la Provincia argentina de Cuyo, entonces formada por San Luis, San Juan y Mendoza para crear la Vice-Provincia jesuítica de Chile. De acuerdo con Pablo Pastells S. I., en el tomo I de su obra, los límites eran: al Oriente con Brasil, al Norte con las Sierras de Santa Cruz, al Poniente con la Gobernación de Tucumán y al Mediodía con la Provincia del Río de la Plata. Según las descripciones y los mapas con escalas de aquella época podría estimarse, con valores aproximados, que la Provincia del Paraguay tenía de Norte a Sur, 3000 kms, y de Este a Oeste, 2.000 kms. Dependió de Virreinato del Perú y de la Real Audiencia de Buenos Aires y las Gobernaciones de Charcas hasta la creación de la Real Audiencia de Buenos Aires, Asunción y Tucumán. En el orden eclesiástico estaba incluida en los Obispados de Charcas (Sucre-Bolivia), Buenos Aires, Tucumán, Paraguay y Santa Cruz de la Sierra (Bolivia), aunque esta ciudad siempre estuvo fuera de los límites de la Provincia jesuítica del Paraguay. (PALACIOS; ZOFFOLI, 1991, p. 57-58).

Segundo Arno Kern “Os jesuítas obtiveram transformar simples aldeias em Povos, ou seja, em centros de intensa solidariedade e de espiritualidade para os Guaranis.” (1982, p.111). A partir das transformações das aldeias em povos indígenas, surgem novos elementos políticos e religiosos que são implantados pela Companhia de Jesus e a Coroa espanhola nesses espaços. De tal modo, que a fundação dos povos, administrados pelos jesuítas,

possibilitou a formação e expansão da Província Jesuítica do Paraguai. Meliá salienta que a redução foi um espaço que provocou mudanças no modo de vida dos guaranis, devido ao seu caráter total, implicando no sistema tradicional, e afetando especialmente as crenças dos guaranis.

La redicción tiene un carácter totalizante y sus consecuencias serán irreversibles en todos los ordenes. La reducción perturba la ecología tradicional, trae una nueva morfología el sistema de parentesco. En la reducción la religión guarani es atacada, ridiculizada, suprimida y en fin sustituida. Los “hechiceros” son acosados y perseguidos, expulsados o domesticados. No hay duda que la reducción pretende cambiar el ser guarani. (MELIÁ, 1997, p.183).

Barnadas explica que: “as reduções estavam aptas a estabelecer uma evangelização baseada no interesse pela personalidade integral do converso. Seu objetivo não era apenas doutrinar, mas fortalecer a vida social e econômica dos índios em todos os aspectos”. (1997, p. 544). Os indígenas, desde o princípio, já tinham responsabilidades através dos cargos administrativos de cada redução, o que possibilitava uma integração maior com os jesuítas. Levinton afirma que:

En el pasaje de estas aldeas al pueblo misional se produjo una articulación en el pasaje del *guara* indígena a la organización misionera. En otras palabras, la estructura espacial configurada surgió de aplicar el concepto de Derecho Natural, en muchas decisiones se tuvieron en cuenta las prácticas indígenas. El criterio implementado lo consideramos fundamental para explicitar la organización espacial misionera. (2009, p.14).

Levinton aponta para a necessidade de entender que os guaranis já tinham uma estrutura organizacional definida, e que poderia ter continuado, mas a chegada dos espanhóis na América e o projeto reducional firmado entre Coroa e Companhia de Jesus, provocaram uma ruptura neste sistema, fazendo com que os guaranis que fossem para as reduções passassem do estágio de guarani-indígena para o de guarani-missioneiro. Esta ruptura não é um sinal de que a cultura tenha sido destruída, tanto que em muitas decisões que ocorreram dentro da organização missioneira foram levadas em conta as práticas indígenas.

Percebe-se que os índios transformaram seus espaços naturais, os quais foram se moldando conforme o número de habitantes, o local de cada fundação de um povo, e as

pactuações dos caciques com os jesuítas, possibilitando uma integração maior entre esses povos que formavam um conjunto que controlava a região. A Província Jesuítica do Paraguai reuniu elementos culturais guaranis, cristãos e ocidentais europeus, esses introduziram novas formas, a partir da construção de casas, capelas, centros de atividades artesanais, bem como questões administrativas, no qual a participação do cacique era de grande importância, e questões econômicas, onde a localização dos povos, recursos naturais e a população foram fatores determinantes para consolidação do projeto reducional. Kern explica,

A Missão representou a reunião de diversas tribos numa mesma comunidade social, onde os elementos culturais guaranis passaram a coexistir com novos elementos, cristãos e ocidentais europeus. Se inicialmente ainda predominaram os elementos tradicionais, gradualmente os jesuítas foram introduzindo novas formas artísticas, novos rituais, uma economia mais produtiva e uma nova organização política. (1982, p. 111).

A redução constituía um espaço político e religioso formando povoados indígenas. Esses povos eram submetidos a um sistema político e social com objetivo de integrar ao mundo colonial, essas transformações ocorrem através da vida familiar, da educação e do trabalho. O trabalho missionário vai atuar na organização da sociedade, fazendo com que os índios deixem de lado algumas características culturais até o momento, as quais eram vistas de forma negativa pela Igreja e Estado. Como esclarece Melià “la desnudez, la poligamia, las “borracheras” y los ritos “supersticiosos”, las “hechicerías” y la antropofagia, u así eran vistas ideologicamente negativamente”. (1997, p. 98). Desse modo a redução foi um espaço de integração entre a vida guarani, o Império Espanhol e a Igreja Católica.

A redução foi um projeto político de integração dos índios dentro do sistema colonial, num esforço em que os sacerdotes, especialmente os regulares, assumiriam um papel de primeira importância. Foi também um método missionário que se caracterizou por uma ação que se pretendia integral, assumindo a vida em sua totalidade; da educação à vida familiar, do trabalho ao lazer e às festas. (MARTINS, 2006, p. 139).

As reduções e suas respectivas estâncias estavam localizadas principalmente próximas aos rios para facilitar o contato entre os povos, as trocas de produtos e as fugas quando necessário, em função de invasões ou saques dos outros grupos indígenas, considerados

infiéis pelos europeus. A redução comportava uma área considerada urbana, ainda que tivesse suas propriedades ou currais, que para Kern “diferencia-se em muito quanto à área rural, pois não eram todas as que possuíam ervais e estâncias de gado, plantações de algodão ou vinhedos”. (1982, p. 210).

De acordo com Barcelos as estâncias surgiram para solucionar um problema que as vacarias ofereciam por suas vastas extensões de terra, pois evitariam a dispersão do gado pelas pastagens orientais, livres para o consumo e o rapto pelos bandeirantes paulistas e pelos nativos da região, como os charruas ou minuanos. Portanto, as estâncias proporcionavam a manutenção do gado, que permanecia reunido e próximo aos cuidados dos guaranis responsáveis pela organização das estâncias às margens orientais do rio Uruguai. Outro aspecto que deve ser levado em conta quanto à importância das estâncias, que elas diminuía grandes distâncias que separavam os povoados e suas extensões de terras, o que refletia num difícil controle territorial. (BARCELOS, 2000).

Cushner explica que “The available grazing and farming lands were so vast and the usually standard physical boundary markings so imprecise to begin with, that it was likely that estate boundaries were so blurred and imprecise as to be meaningless. This, of course, opened the door to future litigation and squabbling”. (1983, p. 16). Os conflitos entre os povos aconteciam por motivos relacionados a disputas de terras, pois as fronteiras eram incertas, gerando litígios que se estendiam por longos anos, levando a discussões e até mesmo a guerras, pois nem todos os povos eram iguais em relação ao tamanho do espaço que ocupavam, alguns eram maiores outros menores, e relativamente à economia dependia tanto do espaço quanto dos recursos naturais disponibilizados.

Cuándo se crea una frontera? Lattimore señala que se origina cuando una comunidad ocupa un territorio. A partir de allí, la frontera se conforma y modifica de acuerdo con la actividad y el crecimiento de la comunidad o por el impacto causado sobre ella por otra comunidad. Es decir, las fronteras son expresión de la dinámica que configuran los asentamientos humanos, los límites técnicos, culturales y militares de su capacidad del control de un territorio. Con el concepto de frontera se rescata, por un lado, la construcción histórico-social de un espacio y, por otro, las relaciones que se establecen entre las sociedades que conviven y, ai mismo nempo, compiten por ese espacio. (ARECES, 1999, p.07)

Algumas reduções tinham mais de uma estância e o número de gado estava atrelado ao tamanho da estância, isso gerava disputas pela terra e a água entre outros elementos importantes para o crescimento econômico da redução, sendo que o gado e a colheita feita nas chácaras existentes nas reduções e também de outros produtos, tais como mel, eram à base do seu sustento, tanto da população indígena como dos jesuítas.

Los conflictos que dominaron la región fueron sedimentando en cada pueblo guaraní una historia ligada a sus hazañas militares, sus figuras de prestigio y sus servicios al monarca católico. Podría decirse que el aspecto militar, junto con el político administrativo y el religioso constituían los cimientos del régimen misional. (WILDE, 2009, p. 166).

A relativa estabilidade que as reduções e estâncias alcançaram durante aproximadamente um século e meio também pode ser entendida através das relações internas e externas de cada povo. As relações internas davam-se pelas atividades políticas, econômicas e militares, além das celebrações, que fortaleciam a integração dos habitantes. As festas envolviam toda a população e, dependendo do motivo da celebração, outros povos eram convidados a participar destes eventos, geralmente relacionados com a identidade de um povo e também aspectos gerais cristãos, despertando assim o sentido coletivo dos povos guaranis missioneiros. Segundo Wilde:

Las fiestas ligaban la identidad de un pueblo a un conjunto de símbolos y valores cristianos, más allá de la pertenencia a un cacicazgo. Las guerras, que podrían haber constituido un factor disruptivo en los pueblos al enfrentar a los cacicazgos entre sí, fueron hábilmente desplazadas hacia los enemigos de las reducciones: los portugueses. (WILDE, 2009, p. 79).

As celebrações, ao mesmo tempo em que fortaleciam as relações internas, especialmente aquelas que seguiam um calendário, também contribuía para confrontações. Estes confrontos ocorriam não apenas com os inimigos das reduções, como os portugueses, mas entre os próprios povos, devido principalmente a disputas de terras. A partir desses conflitos é possível perceber as particularidades de cada povo que, mesmo seguindo linhas sócio-políticas gerais da Província Jesuítica do Paraguai, não deixavam de apresentar suas próprias características, afirmando sua identidade étnico-reducional.

As cerimônias que aconteciam nos povoados tinham um conjunto de significados e objetivos de nível social e político. Muitas decisões importantes eram realizadas na presença da comunidade guarani missioneira e, em alguns casos, com sua participação. Como afirma Wilde: “la ceremonia ordenaba la geografía sociopolítica del pueblo mediante una pautada sucesión de actos simbólicos que establecían, legitimaban y renovaban el orden todos los años. La ceremonia era en este sentido una celebración del orden sociopolítica y de la jerarquía estructural”. (WILDE, 2009, p. 80).

A função das celebrações não estava ligada diretamente aos rituais simbólicos, mas também às relações políticas entre os povos, fazendo desse momento um encontro entre os líderes indígenas e os padres jesuítas, para resolverem as dificuldades pertinentes, facilitando a integração. O apoio com recursos naturais ou proteção vinha das reduções mais prósperas e que apresentavam melhores condições para auxiliar aqueles que apresentavam qualquer necessidade e, inclusive, quando necessário acolhiam outros povos, agregando-os, isso acontecia através de mediações dos padres.

A redução e estância de La Cruz foram fundadas em um território pertencente a redução de Yapeyu, a partir de uma doação de terra mediada pelos padres jesuítas a qual trouxe alguns conflitos entre esas reduções principalmente em função de espaço. (SERRES, 2012). A redução de Yapeyu foi construída em um local estratégico, pois, “El Yapeyu o Nuestra Señora de los Reyes, fundada el año de 1626 sobre las márgenes del río Uruguay persevera en su suelo nativo en 29 grados 31 minutos de latitud, 321 y 2 minutos de longitud con 1.587 familias, que son 6.400 almas”. (PASTELLS, 1912, p. 781). Essa redução apresentou relações interétnicas, pois segundo Levinton “la comunidad de este asentamiento estaba formada por gentío guarani, yaro-gé y por charrua”. (LEVINTON, 2009, p. 104).

Existia um contato entre esses grupos indígenas que acontecia dentro do espaço da redução, entretanto, mesmo havendo conflitos entre esses grupos indígenas em alguns momentos, tal contato foi importante para o desenvolvimento reducional, possibilitando a troca de materiais e técnicas que fortaleciam a economia e a sobrevivência dos povos. Afirma Levinton que: “a partir de 1673 los yapeyuanos, junto a su ubicación estratégica, demostraron una habilidad para montar a caballo y manejar las técnicas del vaqueo que le auguraron a la comunidad un rol predominante en la alimentación de la macro-región misionera”. (LEVINTON, 2009, p. 251).

Segundo Becker os índios minuanos encontravam-se em um espaço próximo ao da estância de La Cruz, o que dividia e, com certeza, facilitava a sua inserção no espaço ocupado pelos guaranis, ocasionando alguns conflitos. (BECKER, 1982). Essas relações entre os grupos étnicos vizinhos davam-se, muitas vezes, a partir dos interesses contra os europeus, principalmente contra os colonos *encomenderos*, podendo originar uma guerra em casos extremos. Porém, ocorriam conflitos entre esses mesmos grupos indígenas devido à disputa de espaço, produtos e poder dentro desse conjunto reducional.

Como se sabe, os parientes agrupados en diferentes cacicazgos, regían la división interna de la reducción y, en última instancia, también marcaban las disputas por el control de espacios. Puesto que la participación coordinada dependía de la lealtad basada en la inmediatez del parentesco, la emergencia de líderes reconocidos más allá de los límites de sus propios pueblos solo podía tener una existencia temporaria y efímera. Por lo tanto, las alianzas en torno de un gran líder respondían menos a una tradición de unificación que las particulares circunstancias de la guerra, que impedían a los cacicazgos afrontar la coordinación de las acciones por sí solos. (WILDE, 2009, p. 173).

Yapeyu foi a redução mais meridional de todas as reduções da frente missioneira do Uruguai. Situada à margem direita daquele rio, em frente à desembocadura do rio Ibicuí. Este pode ser considerado como o limite sul do território de ocupação guarani-missioneira. Esta era a fronteira entre os guaranis-missioneiros e os minuanos. Com isso, a criação de Yapeyu não pode ser entendida apenas por uma atitude da Companhia de Jesus, de cunho evangelizador, mas também de defesa territorial pela Espanha, com a intenção de fechar a passagem pelo rio Uruguai de uma possível apropriação territorial pelos portugueses.

El pueblo no avanzaba ni en lo temporal ni en la cantidad de habitantes, en 1641 y en 1647 se mantuvo el mismo tope del crecimiento. Por eso, en 1651 los jesuitas decidieron integrar la comunidad yapeyana con la de La Cruz. Pero esta unión tampoco dio buenos resultados y se separaron en 1657. El proceso implicó la cesión de tierras de los yapeyuanos a los cruceños hecho que, posteriormente, suscitaba varios litigios. De todas maneras originó la extensión de las tierras yapeyuanas hacia el sur por la margen derecha y, mediante una Merced del Gobernador Blázquez de Valverde, la apropiación de tierras en la banda oriental entre el río Ibicuy y el Queguay. (LEVINTON, 2009, p. 249 – 250)

Os conflitos ocorriam principalmente por questões econômicas, aspectos ligados a terra e ao gado. O espaço para agricultura e para a pecuária era requerido pelos povos e mesmo os que não eram reduzidos também disputavam esse espaço. Muitos saques eram promovidos pelos grupos que não aceitavam viver nas reduções, nem nas estâncias, os chamados índios infieis. Tais conflitos, muitas vezes, foram responsáveis pelas mudanças dos povos, ocasionando uma nova organização do espaço de cada redução e sua estância, possibilitando melhoria na disciplina dos povoados, mas, também, a desintegração ou a anexação de um povo a outro.

A partir do momento que o comércio aumentava na província do Paraguai, e que os rios Uruguai e Paraná tornam-se o principal meio de escoamento e comercialização, não só os índios infieis, mas também os portugueses, subiam e desciam o rio em busca de possibilidades de saque ou contrabando. Aproveitando-se das oportunidades que o rio oferecia, em termos de deslocamento rápido em direção a Bacia do rio da Prata, mais tarde, isso se tornaria uma prática comum nas fronteiras da Espanha com Portugal na América.

A união de alguns infieis com os portugueses trouxe inquietação entre os jesuítas, colonos e representantes da coroa espanhola. Os portugueses começaram a se utilizar dos índios infieis para benefício próprio, sendo que os infieis também se utilizavam dos portugueses para uma melhoria nas condições de vida através de lucros obtidos com estes saques e pelo acesso a armamento diferenciado. (SERRES, 2012).

Estando esses infieis e seus coligados juntamente com os portugueses era necessário prevenir e remover a aliança com Portugal e realizar a guerra, pois os portugueses estavam proporcionando suporte para esses infieis que só traziam danos aos povos cristianizados.

A grande preocupação dos colonos e jesuítas era com a perda de suas mercadorias e do seu espaço de comercialização além da insegurança proporcionada pelos frequentes ataques dos infieis. Segundo Levinton:

Debido a los conflictos con las ciudades españolas y los portugueses, se crearía una vaquería propia de Yapeyú. De esta manera, el ganado cimarrón estaría bajo un mayor control de los indígenas misioneros. El pueblo de Yapeyú era el centro de todo el sistema. Hubo caminos para comunicar a los habitantes del pueblo con las estancias. (LEVINTON, 2009, p. 253).

Assim, o sistema produtivo foi um elemento determinante na vinculação entre os povos, pois através de uma circulação da produção os laços se estreitavam, facilitando a comunicação entre os indígenas e, também, o desenvolvimento desses povos. As reduções e suas estâncias eram ligadas por estradas e rios facilitando as relações comerciais a partir desses elementos, o acesso entre um povoado e outro foi ficando melhor e gradativamente mais seguro.

A população também foi um fator importante para a fundação de. Cushner esclarece que “The place where land was acquired and its quality affected the use to which the land was put. Types of land use were also determined to an extent by the proximity, presence, or absence of a laboring population. (CUSHNER, 1983, p.19) Desse modo percebe-se a dinâmica que existia no processo de constituição ou de agregação de um povo a outro: a mão-de-obra era um aspecto importante para a continuidade das atividades em determinados locais. Sem força de trabalho adequada a ideia de existência de uma redução era insustentável.

A terra era outro fator determinante para o desenvolvimento das reduções e estâncias, sua organização e o modo de como era usada, pois a produção por meio da terra possibilitava o crescimento econômico não apenas local, mas também de outras regiões. Isso promoveu trocas de bens e serviços entre as reduções e as cidades espanholas. Tal atividade promovia, segundo os jesuítas, o sustento dos povos missionários que começaram a crescer economicamente a partir lógica mais coletivista de produção, ideia que foi aplicada na Província Jesuítica do Paraguai. Segundo Cushner “Ancillary enterprises associated with the major farms or ranches provided services and goods for personnel and for sale outside of their place of origin. How land was used and organized were major factors determining settlement patterns”. (CUSHNER, 1983, p. 21).

A estância de La Cruz está distintamente localizada na região entre os rios Ibicuí e Butuí, no lado oriental do rio Uruguai. Era na estância que se concentravam os animais, a colheita e o beneficiamento agropecuário básico. Povoada, em grande parte, por índios guaranis sob a supervisão dos jesuítas, executando ações políticas e militares com o apoio dos hispano-americanos, pois era necessário agir em suas bordas desenvolvendo ações de proteção do espaço da estância, que era invadido por grupos de minuanos e charruas ou por

casas, galpões, currais, uma estrutura para produzir o sustento dos índios cristianizados e seus tutores além da troca de produtos entre os povos e o comércio com as cidades espanholas. Segundo Cushner “Once land was acquired and the settlement made, the process of building began; not only on the physical sense but also in the sense of constructing a relationship between dwelling and farmland”. (CUSHNER, 1983, p. 26).

Essa ideia de coletividade não estava apenas relacionada à questão econômica, mas também à proteção dos povos, pois essa proximidade ajudava nos momentos de ataques de índios não reduzidos praticavam saques nos povos trazendo muitos agravos aos guaranis reduzidos. Cushner explica que “Proximity to other settlers was especially important at times of Indian raids which intensified in the late seventeenth and eighteenth century and affected settlement. (CUSHNER, 1983, p. 22).

Os ataques de índios infiéis enfraqueciam o meio de produção desses povos, a partir de furtos de cavalos, gado e destruição de algumas construções como as próprias capelas, trazendo a desordem e prejuízo. Se os povos estivessem distantes uns dos outros era difícil de controlar os ataques, assim Cushner afirma que “Living on not-too-isolated farmsteads made collective action a bit easier”. (CUSHNER, 1983, p. 23). Os povos se relacionavam principalmente pelo intercâmbio comercial dentro da Província Jesuítica do Paraguai controlado pelos indígenas, sob a supervisão dos jesuítas, nesse sentido, pode-se dizer que dentro sistema colonial havia um subsistema missioneiro, e que os povos apresentavam, sim, relações internas e externas a partir de seus interesses e necessidades.

As estâncias foram a base da economia das missões jesuíticas da América espanhola, causando efeitos no desenvolvimento econômico através da produção do gado vacum, do gado muar e do plantio. A agropecuária foi o pano de fundo da economia missioneira, apresentou forte crescimento ao longo das décadas e destacou-se de forma geral. As estâncias foram responsáveis pelo desenvolvimento e pelo sustento da redução e, portanto, indiretamente nos laços comerciais com outros centros coloniais. Quando a produção estancieira crescia mais povos eram fundados devido ao aumento de excedente humano e de produção procurando melhor a qualidade de vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARECES, Nidia R. Regiones y Fronteras: Apuntes desde la historia. En: **Revista Andes**, Nº 10, Salta: CEPIHA – Universidad Nacional de Salta, 1999.

BARCELOS, Artur H.F. **Espaço & Arqueologia nas missões jesuíticas**: o caso de São João Batista. Porto Alegre, Edipucrs, 2000.

BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Colonial. In: BETHELL, Leslie. (Org). **História da América Latina**: América Latina Colonial. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação de Alexandre Gusmão, 1997.

BECKER, Ítala Irene Basile. **Os índios Charruas e Minuanos na Antiga Banda Oriental do Uruguai**. Porto Alegre: PUCRS [Dissertação de Mestrado], 1982.

CUSHNER, Nicholas P. **Jesuit Ranches and the Agrarian Development of Colonial Argentina 1650-1767**. Albany: State University of New York Press, 1983.

KERN, Arno Alvarez. **Missões. Uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LEVINTON, Noberto. **El espacio jesuítico-guaraní**: la formación de una región cultural. Asunción Paraguay: Asunción – Paraguay: CEADUC, 2009.

MELIÁ, Bartomeu. **El guaraní conquistado y reducido**: ensayos de etnohistoria. Assunción del Paraguay: Biblioteca Paraguaya de Antropología CEADUC – CEPAG, 1997.

MAEDER, Ernesto; GUTIERREZ, Ramón. **Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes**. Argentina, Paraguay y Brasil. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2009.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações**: as reduções do Paraguai (século XVII e XVIII). Porto Alegre: ANPUH, 2006.

PALACIOS, Silvio; ZOFFOLI, Ena. **Gloria Y Tragedia de Las Misiones Guaranies**: Historia de las Reducciones Jesuíticas durante los siglos XVII y XVIII en el Río de la Plata. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1991.

PASTELLS, R. P. Pablo, S. J. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)** según los documentos Originales del Archivo General de Indias. Tomos I a VIII, Madrid: Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912.

SERRES, Helenize Soares. **Estas terras e seus donos:** políticas de espacialidades e territorialidades em La Cruz e no mundo Guarani Missioneiro (1629 -1828). Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

WILDE, Guillermo. **Religión y poder en las misiones de guaraníes.** Buenos Aires: SB, 2009.